

O Jornaleiro: Uma possibilidade de jornal escolar nas escolas de Campo Limpo Paulista-SP

Felipe dos Santos Schadt

Resumo

A cidade de Campo Limpo Paulista, interior de São Paulo, apresenta um quadro preocupante para a educomunicação: de suas 42 escolas, apenas uma possui intervenção educacional. Nesse contexto, o jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Faccamp, *O Jornaleiro*, apresenta-se como uma possível prática educacional para essas escolas. O objetivo é adequar esse projeto laboratorial para as realidades escolares da cidade, dando aos membros da comunidade escolar a possibilidade de vivenciar os benefícios que a educomunicação pode proporcionar. Através de uma metodologia que favoreça a trans e interdisciplinaridade, possibilitar condições para que jornais escolares surjam nesses ambientes, tornando o aluno um produtor e criador de conteúdo com real poder transformador.

1. Introdução

O Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas realizou, em 2009, uma pesquisa intitulada de “Motivos da Evasão Escolar”, constatando que 40,1% dos jovens de 15 a 17 anos deixam de ir à escola por acharem-na desinteressante.⁵³ Já a ONG Ação Educativa, de São Paulo, revela em sua pesquisa “Que Ensino Médio Queremos?” que 59% dos jovens entrevistados dizem que só se interessam pela escola “às vezes”, enquanto 28% responderam que raramente acham a escola interessante.⁵⁴

Esses dados chamam a atenção por mostrarem que a escola está, ao contrário do que se espera, distanciando os jovens de dentro das salas de aula, por ser, segundo as pesquisas, desinteressante ao aluno. Ismar de Oliveira Soares nos atenta para entender que:

⁵³ SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Paulinas, 2011, p.25.

⁵⁴ Idem.

[...] uma educação eficiente precisa inserir-se no cotidiano de seus estudantes e não ser um simulacro de suas vidas. Fazer sentido para eles significa partir de um projeto de educação que caminhe no mesmo ritmo que o mundo que os cerca e que acompanhe essas transformações. Que entenda o jovem. E não dá para entendê-lo, sem se quer escutá-lo.⁵⁵

É nesse contexto que a educomunicação se faz pertinente ao criar ações que modifiquem o espaço escolar, transformando-o em um local onde o jovem deixe de ser mero elemento da educação para se transformar em agente criador. Tornar os alunos, no que Alain Tourraine vai classificar como “criadores de si mesmos e produtores da sociedade”.⁵⁶

Ao sairmos da capital e migrarmos rumo ao interior paulista, mais precisamente na cidade de Campo Limpo Paulista - 60 km de São Paulo -, iremos constatar que a realidade é tão preocupante quanto a mostrada nas pesquisas citadas. A cidade possui 18 escolas municipais de ensino fundamental (EMEF), cinco escolas municipais de educação infantil (EMEI) e seis escolas estaduais (EE), além de 13 escolas particulares do ensino básico, passando pelo médio até o profissionalizante. Dessas, apenas uma possui uma intervenção educacional.

Das 42 escolas de Campo Limpo Paulista, somente a EMEF Governador André Franco Montoro, situada em um bairro periférico da cidade, possuiu um projeto que podemos incluir como educacional. O UCA (Um Computador por Aluno), do Ministério da Educação, tem como objetivo, segundo o site da prefeitura da cidade, “integrar os recursos tecnológicos ao currículo pedagógico”.⁵⁷ Na mesma reportagem divulgada no portal, a responsável pelo UCA, Renata Ribeiro de Menezes, faz um balanço positivo sobre o projeto que disponibiliza

⁵⁵ Ibid., p.8.

⁵⁶ TOURRAINE, Alain. **Crítica da modernidade**. Lisboa: Piaget, 1992, p. 269.

⁵⁷ Disponível em: <<http://www.campolimpopaulista.sp.gov.br/educacao/aprendendo-nos-computadores-projeto-uca-beneficia-alunos>>

Acesso em: 28 mai. 2014

notebooks para alunos e professores trabalharem em sala de aula. Segundo ela, a maioria dos alunos, oriundos de famílias carentes, nunca haviam tido contato com um computador.

Porem, atualmente a escola Governador André Franco Montoro não está trabalhando com os computadores do UCA por, segundo alguns professores, não haver interesse da escola em continuar com o projeto. Com isso restam todas as escolas do município estão longe da realidade e dos benefícios da educomunicação que, por sua vez, poderia promover uma significativa mudança no ambiente escolar e na melhoria no desenvolvimento do aluno que, em poucos anos, estará colocando à prova todo o seu conhecimento adquirido nesse espaço.

A educomunicação fala de relacionamento, liderança, diálogo social e protagonismo juvenil. Posiciona-se, de forma crítica, ante o individualismo, a manipulação e a competição. A cidadania vencendo a ditadura do mercado: é o que ela busca, transformando as oportunidades oferecidas pelas novas tecnologias em instrumentos de solidariedade e crescimento coletivo.⁵⁸

Pensando na importância de projetos educacionais no ambiente escolar, faz-se urgente a intervenção por meio da educomunicação nessas escolas. Um exemplo de intervenção está no âmbito transdisciplinar, “propondo que os educandos se apoderem das linguagens midiáticas [...] para aprofundar seus conhecimentos quanto para desenhar estratégias de transformação das condições de vida à sua volta”.⁵⁹ É a partir daqui que se manifestou o anseio por levar o projeto *O Jornaleiro*, oriundo da Faculdade Campo Limpo Paulista, para essas escolas com a esperança de que, moldando o projeto às realidades de cada ambiente escolar, seja instaurado a educomunicação através de um verdadeiro ecossistema aberto e dialógico com a aplicação do jornal escolar.

1. Contexto

⁵⁸ SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Paulinas, 2011, p.95.

⁵⁹ Ibid, p.19.

2.1 O Jornaleiro

O *Jornaleiro* iniciou suas atividades no dia 6 de agosto de 2012, com o intuito de possibilitar que o aluno do curso de Comunicação Social da FACCAMP (Faculdade Campo Limpo Paulista) pudesse ter um contato com a prática jornalística, auxiliada com a teoria desenvolvida em sala de aula.

Em sua primeira semana de veiculação, *O Jornaleiro* contou com apenas três alunos do curso de Jornalismo. Esses alunos produziram, cada um, uma matéria sobre temas diversos escolhidos coletivamente. As três primeiras matérias foram sobre a Bienal do Livro de 2012, a polêmica envolvendo as sacolas plásticas e os malefícios das bebidas alcoólicas. Essas matérias, por sua vez, foram diagramadas em um formato próximo ao de uma página de um tabloide e veiculada através da rede social *Facebook*, dentro de uma página criada para esse fim.⁶⁰

A proposta inicial era que fossem divulgadas, pelo menos, três matérias por semana, inicialmente entre os meses de agosto e dezembro de 2012. Para suprir essa demanda, outros alunos se juntaram à equipe e se revezavam na produção das reportagens.

Nos seus primeiros seis meses de existência, *O Jornaleiro* contava com a colaboração de 15 alunos do curso de Comunicação Social (Jornalismo, Publicidade e Rádio e TV) entre o primeiro e o sexto semestre, além de uma aluna do curso de Matemática. Nesse período de agosto a dezembro, foram publicadas 74 matérias de diversos assuntos, lidas por cerca de 250 curtidores no Facebook, o que correspondia a uma média de 120 visualizações/leituras por publicação.

Devido ao bom trabalho realizado com as publicações online e após convite da coordenação do curso de Comunicação Social, *O Jornaleiro* passou a também

⁶⁰ Ver em: <<https://www.facebook.com/ojornaleiro>> Acesso em: 14 ago. 2014.

ser um veículo impresso. Com publicações bimestrais, o jornal-laboratório produziria matérias com relevância acadêmica e regional para compor as editorias da versão impressa. O primeiro jornal a ser rodado, com uma tiragem de 1500 exemplares, no modelo tabloide com oito páginas preto e branco, contou com nove matérias divididas em seis editorias. A primeira edição do *O Jornaleiro Impresso* foi distribuída no dia 21 de maio de 2013, nas dependências da FACCAMP para a comunidade acadêmica, composta de alunos, funcionários e professores da instituição. A partir daí, a atuação do *O Jornaleiro* se dividiu entre matérias para a plataforma online e para o impresso.

Hoje, *O Jornaleiro* conta com cerca de 2003 curtidores na sua página no Facebook, mais de 550 matérias publicadas entre online e impressas, uma visualização/leitura média de 850 por publicação e cerca de 50 alunos colaboradores do jornal-laboratório.⁶¹

Desde o seu surgimento, *O Jornaleiro* tinha como proposta preencher uma lacuna no curso de Jornalismo que era, justamente, a falta da prática jornalística através de um jornal-laboratório. Lembrado por José Marques de Melo em seu prefácio escrito para o livro “Jornal Laboratório” de Dirceu Fernandes de Lopes, a “renovação do ensino de Jornalismo se dá pela introdução de atividades práticas que reproduzem na Universidade os modos de produção peculiares à comunicação de atualidades”.⁶²

É necessário lembrar que antes do *O Jornaleiro*, outras tentativas de jornal-laboratório se fizeram presentes na Faccamp, como o pioneiro *Cabeça de Bagre*, passando pelo jornal online *Em Foco* e o mais recente, *Oficina de Notícias*. Todos eles tiveram sua contribuição dentro do curso, mas por motivos diversos, sejam

⁶¹ Dados contabilizados no dia 04 de outubro de 2014 e disponível em <<https://www.facebook.com/ojornaleiro>>

⁶² MELO, José Marques de In LOPES, Dirceu Fernandes. **Jornal Laboratório: Do exercício escolar ao compromisso com o Público Leitor**. 2ª edição. São Paulo, Editora Summus, 1989, p. 11.

eles técnicos ou metodológicos, não conseguiram se consolidar com os alunos e acabaram, infelizmente, caindo no esquecimento.

Por conta disso, *O Jornaleiro* propôs algo totalmente diferente ao que vinha sendo apresentado pelos jornais anteriores. Uma produção periódica, rápida e que desse ao aluno uma noção próxima do real do cotidiano de uma redação, onde a agilidade e a qualidade do texto são imprescindíveis. O projeto focou em três parâmetros: Qualidade, agilidade e periodicidade.

Mas antes de abordar esses parâmetros, era preciso de algo que também faltava nos antigos jornais-laboratórios: a adesão por parte dos alunos. Como *O Jornaleiro* está situado em uma faculdade privada, onde os alunos, em sua maioria, trabalham durante o período comercial e estudam durante a noite, não seria possível fidelizar discentes colaboradores em outro horário que não o horário de aula. Também era importante não tirar o aluno da sala de aula para participar das reuniões, uma vez que isso ia de encontro com a função do jornal-laboratório, que era por em prática o que era aprendido nas disciplinas teóricas.

Portanto, *O Jornaleiro* entendeu que suas reuniões deveriam ocorrer no horário de intervalo entre as aulas. Um tempo de 20 minutos que não seriam suficientes para se discutir pautas e tirar dúvidas em relação à produção do texto. Deu-se, então, a necessidade de realizar duas reuniões semanais: uma, às terças-feiras, para discussão de pautas a serem produzidas; e outra, às quintas-feiras, para auxílio na concepção das matérias. A estratégia deu certo e, logo, a adesão dos alunos foi aumentando gradativamente.

Resolvido o problema com o material humano para a produção das matérias, era preciso pensar na qualidade do texto a ser veiculado. Na primeira reunião, que aconteceu ainda no período de férias, em julho de 2012, os três

alunos participantes discutiram, dividiram as pautas e estipularam um *deadline*, que é um jargão jornalístico para delimitar a data limite para a entrega da matéria finalizada. Com o acompanhamento do professor responsável pelo jornal-laboratório, que faz um papel de Editor-Chefe, os alunos, em menos de uma semana, conseguiram desenvolver o seus textos. Porém, antes de ir para a diagramação, o texto era revisado pelo professor responsável do jornal-laboratório, e, como em uma redação, editado se necessário. Desde a escolha da pauta, até a concepção do texto, a preocupação com a qualidade da matéria se torna carro chefe do *O Jornaleiro*.

Estipulado o *deadline*, o aluno começa a entender e vivenciar um clima de redação jornalística, onde prazos são fundamentais para o bom desenvolvimento do trabalho. O discente tinha, portanto, cinco dias para produzir sua matéria e entrega-la ao Editor-Chefe para a revisão e edição. Esse formato de prazos deu ao *O Jornaleiro* uma agilidade que não se tinha visto nos outros jornais-laboratórios, amparado, ainda, pela velocidade de publicação da internet. Assim que o texto era finalizado, revisado e editado, ia para a diagramação. Tarefa esta também executada pelo professor responsável, uma vez que os alunos não tinham domínio no software necessário para tal trabalho.

Com a diagramação feita, a matéria ia para o ar dentro da rede social *Facebook*, em uma página criada pelo *O Jornaleiro* para a divulgação dos textos produzidos pelos alunos. Ou seja, em um espaço de tempo de, no máximo, uma semana, era possível veicular até três matérias na internet, dando ao jornal-laboratório a agilidade pretendida.

Fez-se, então, uma dinâmica dentro do *O Jornaleiro*. Reunião de pauta na terça-feira; auxílio e eliminação de dúvidas na quinta-feira; entrega da matéria pronta no domingo; revisão, edição e diagramação na segunda-feira; e veiculação das matérias de terça à quinta-feira, enquanto o processo para as matérias da

semana seguinte se repetia. Com esse dinamismo, pudemos estabelecer a periodicidade almejada.

Adequado à realidade dos alunos e da Faculdade Campo Limpo Paulista, o projeto se torna, a cada veiculação, parte do cotidiano dos demais discentes da faculdade e passa a fazer parte do universo que está inserido. Porém o desafio se mostra quando tentamos sair desse terreno já conquistado para se aventurar em realidades completamente distintas. E estamos falando da realidade do ensino básico da cidade de Campo Limpo Paulista.

2. Justificativa

3.1 Educomunicação

Explicar que raios é essa tal de “educomunicação” se apresentou como uma tarefa complexa e que exige atenção e cuidado com as palavras escolhidas para dar o devido significado para esse neologismo. Não podemos deixar que o termo, apresentado pela primeira vez em 1999 na revista *Contato* em Brasília após intensa pesquisa do Núcleo de Comunicação e Educação da USP,⁶³ caia em explicações simplistas como o uso das tecnologias da comunicação na sala de aula; ou somente como uma alfabetização para os meios de comunicação; tão pouco como uma simples junção da educação e da comunicação. É preciso um aprofundamento para buscar uma explicação satisfatória para o que Ismar de Oliveira Soares chama de um novo campo de intervenção social.⁶⁴ Ainda segundo Soares:

Partimos da premissa de que a educomunicação, conceito que - no entendimento do Núcleo de Comunicação e Educação da USP - designa um campo de ação emergente na interface entre os tradicionais campos da educação e da comunicação, apresenta-se hoje, como um excelente caminho de renovação das práticas sociais que objetivam ampliar as condições de expressão de todos

⁶³ Pesquisa realizada na década de 1990, pelo NCE-USP em 12 países da América Latina que possuíam programas e projetos que trabalhavam com a interface entre comunicação e educação, com o objetivo de detectar o imaginário desses agentes culturais sobre a referida interface. Leia mais em SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação.** São Paulo: Paulinas, 2011, p.34-35.

⁶⁴ SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação.** São Paulo: Paulinas, 2011, p.11

os seguimentos humanos, especialmente da infância e da juventude.⁶⁵

O que o professor livre-docente quis dizer é que a educomunicação se apresenta como um novo paradigma para a educação e para a comunicação e que, por sua vez, confrontará inevitavelmente com os paradigmas já existentes que permeiam esses tradicionais campos sociais.

No campo da educação, o paradigma apresentado é o do *ensino x aprendizagem*. Esse sistema vertical de educação apresenta a instituição de ensino como único local de aprendizagem, o professor como o detentor da sabedoria e o aluno como um ser que nada sabe pronto para receber todo o conhecimento vindo de fora para dentro. Já o paradigma na comunicação se apresenta como um sistema hegemônico, onde poucos grupos possuem o poder de criar conteúdo através dos meios de comunicação, dando ao outro um status de mero receptor sem o direito de resposta por meio de suas próprias produções midiáticas.

Olhando para o âmbito escolar, esses dois paradigmas, que claramente obedecem uma lógica funcionalista, impedem o discente de criar condições de se tornar um produtor de conteúdo com olhar crítico para a sociedade. Ao invés disso, há um esforço para a manutenção do *status quo*. A educomunicação busca criar um diálogo entre esses dois campos⁶⁶ que sempre se apresentaram como heterogêneos e distintos em suas funções sociais para poder dar, a esse jovem, reais condições emancipadoras. A questão que se deve fazer é: Esse diálogo é possível?

Primeiro precisamos entender essa separação social entre os campos da educação e da comunicação, onde cada uma delas era vista, através do prisma da racionalidade moderna, como neutras e com funções claras e específicas.

⁶⁵ Ibid., p.15

⁶⁶ BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica**. In CITELLI, A. O.; COSTA, M. C. C. (Org.) Educomunicação: construindo uma nova área do conhecimento. São Paulo: 2011, p. 31.

Enquanto a educação deveria legitimar a ordem social proposta, a comunicação era um instrumento disciplinador da coletividade.

A Modernidade nasceu com a instituição da crença nas possibilidades da razão, capaz de transformar a sociedade pela dominação da natureza pelo homem. Ao mesmo tempo impôs a uniformização das mentalidades como forma de controle da opinião pública. Para tanto, a sociedade industrial conformou a educação (para sedimentar e legitimar a ordem social que queria ver estabelecida), fazendo, por outro lado, uma apropriação do discurso midiático, usando-o como seu mais poderoso instrumento disciplinador coletivo.⁶⁷

Mesmo após a crise da Modernidade e o surgimento da cultura Pós-Moderna, a razão continua sendo o alicerce nas construções sociais. O que antes era apresentado como razão iluminista, passa a ser apresentado como razão técnica amparada pelo predomínio da informação. Ainda assim, educação e comunicação continuam como campos distintos e com funções próprias.

Enquanto a comunicação ganha valorização pelo domínio da informação, a educação entra em crise devido ao seu tradicionalismo. Antes a educação era definida “como base da construção da democracia moderna”⁶⁸ e nesse momento esse discurso estava sendo substituído pelo “discurso sobre a excelência e a irreversibilidade da informação”.⁶⁹ Esse pensamento de valorização social ao mundo da comunicação e de uma negação do mundo da educação é defendida pelo pensador francês Pierre Furter, que ainda dirá que a educação nesse período se torna territorial, nacionalizada, normativa e burocrática, enquanto a

⁶⁷ MILAN, Yara Maria Martins. **Comunicação e educação: um ponto de mutação no espaço de confluência**. In: SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação: um campo de mediações*. In CITELLI, A. O.; COSTA, M. C. C. (Org.) *Educomunicação: construindo uma nova área do conhecimento*. São Paulo: 2011, p. 15.

⁶⁸ SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: um campo de mediações**. In CITELLI, A. O.; COSTA, M. C. C. (Org.) *Educomunicação: construindo uma nova área do conhecimento*. São Paulo: 2011, p. 16.

⁶⁹ Idem.

comunicação se apresenta como desterritorializada, internacionalizada, não-formal e não-burocrática.⁷⁰

Para construir um diálogo entre esses dois campos que, a partir das visões da Modernidade e da Pós-Modernidade são distintos em suas funções sociais, é preciso entender que primeiro, a educação só é possível enquanto ação comunicativa e segundo, a comunicação é em si uma ação educativa. Esses axiomas são apresentados por Ismar de Oliveira Soares como uma das linhas teórico-práticas para se compreender a relação entre comunicação e educação.

Segundo Soares, a comunicação é um fenômeno que se encontra em todos os modos de formação do ser humano. “No caso, o tipo de comunicação adotado passa a emprestar identidade ao processo educativo, qualificando-o”.⁷¹ O estudioso usa como exemplo a expressão adotada por Paulo Freire que diz respeito a uma educação verticalizada, a “educação bancária” e em contrapartida, também usa a expressão “educação dialógica”, utilizada para representar o esforço para a construção de uma educação compartilhada e solidária. Esses dois exemplos mostram o quanto a comunicação se faz presente na práxis educativa, ora por meio de transferência de conhecimento de um ponto para outro, ora por meio do diálogo e da troca de conhecimentos.

No segundo axioma, Soares acredita que diferentes modelos de comunicação determinariam resultados educativos diferentes, onde uma comunicação dialógica contribuiria para um aumento significativo da participação e do interesse dos estudantes.

[...] uma comunicação essencialmente dialógica e participativa, no espaço do ecossistema comunicativo escolar, mediada pela gestão compartilhada (professor/aluno/comunidade escolar) dos recursos e

⁷⁰ SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: um campo de mediações**. In CITELLI, A. O.; COSTA, M. C. C. (Org.) Educomunicação: construindo uma nova área do conhecimento. São Paulo: 2011, p. 16.

⁷¹ SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Paulinas, 2011, p.17

processos da informação, contribui essencialmente para a prática educativa, cuja especificidade é o aumento imediato do grau de motivação por parte dos estudantes, e para o adequado relacionamento no convívio professor/aluno, maximizando as possibilidades de aprendizagem, de tomada de consciência e de mobilização para a ação.⁷²

Essa condição de transformar o ambiente escolar a partir da comunicação - enquanto produção simbólica e transmissão de sentidos -, deixando de lado a burocratizada transferência de informação pela construção de conhecimento através diálogo, dando condições para se formar indivíduos com real poder transformador é o que podemos chamar de educomunicação.

3.2 O Jornal na escola

Antes de falarmos do projeto, devemos tentar defender o uso do jornal como ferramenta pedagógica. Nesse contexto transdisciplinar, o jornal impresso se apresenta como um meio eficiente para ser utilizado como ferramenta dentro da sala de aula. Comparado com outras mídias como a internet ou a própria televisão, o jornal possui características favoráveis para seu uso no ambiente escolar. Isso se faz através do contato direto que o aluno tem com as notícias que fazem parte de seu cotidiano.

Sendo assim, o jornal se torna uma alternativa de interdisciplinaridade, podendo ser, em determinados casos, mais eficiente que o próprio livro didático. Vejamos:

Determinada notícia fala sobre os problemas no transporte público. Ao se deparar com a reportagem, o professor pode trabalhá-la em sala de aula discutindo com os alunos suas experiências com a temática. Diretamente envolvidos com o tema, por ser parte de seu cotidiano, os alunos estarão envolvidos na discussão e prontos para participarem dela. A partir daí, o professor pode trabalhar inúmeras situações, como por exemplo, inserir problemas matemáticos na discussão de número de passageiros por número

⁷² Idem.

de carros disponíveis, tempo que determinado ônibus demora para fazer seu trajeto etc.⁷³

José Péricles Diniz aponta para o desenvolvimento do olhar crítico do aluno que tem o jornal como ferramenta de aprendizagem, pois ele passa a ser um leitor que escolhe e critica o que lê.

Ao usar o jornal como material didático, o professor estará aproximando a escola do mundo que a cerca. Apenas em praticar o manuseio típico de um leitor de jornal, o aluno está aprendendo a fazer escolhas críticas em relação ao que quer e quando quer ler.⁷⁴

Diferentemente dos textos didáticos que, em sua maioria, nada tem a ver com o cotidiano dos alunos, os textos jornalísticos são, além de fácil compreensão, devido a sua escrita simples e direta, atuais e pertinentes às experiências desses cidadãos que frequentam a escola. Portanto, tornam-se um excelente material para ser usado em sala de aula, interferindo diretamente no hábito de leitura dos alunos. O professor Adilson Citelli explica que:

enquanto o livro didático se organiza em torno de conteúdos fixos que aspiram a uma progressão canônica, trocando a surpresa pela linearidade da sequência programática, as linguagens institucionalmente não-escolares formam espécies de fontes entrópicas, que podem possuir sua organização e lógica interna no lugar de onde se originam, mas estão em aparente ruína quando referidas aos seus possíveis aproveitamentos pela escola.⁷⁵

Se o uso de jornais como ferramenta pedagógica já desperta no aluno o olhar crítico e o hábito à leitura, o que aconteceria se ao invés de meros leitores, os alunos passassem a ser, também, produtores de seu próprio meio de comunicação? A resposta pode ser totalmente positiva, pois a criação desse

⁷³ SCHADT, Felipe dos Santos. **O Jornaleiro: O Jornal-laboratório como possibilidade de projeto comunicativo nas escolas de Campo Limpo Paulista-SP**. IV Colóquio Catarinense de Educomunicação/III Colóquio Ibero-Americano de Educomunicação. Florianópolis-SC, 2014.

⁷⁴ DINIZ, José Péricles. O jornal impresso na formação de consciência crítica. **Revista da FAEBA - Educação e Contemporaneidade**. Salvador: v. 13, n.21, p. 129-141, jan./jun., 2004.

⁷⁵ CITELLI, Adilson. Educação e Mudanças: novos modelos de conhecer In. CITELLI, Adilson (org). **Outras linguagens na escola**. São Paulo: Cortez, 2000, p. 34.

espaço de produção pelo jornal como projeto transdisciplinar faz com que “a juventude de fato se reconheça como agente transformador de sua realidade, a partir da escola”.⁷⁶ A partir dessa busca por protagonismo juvenil, entra em cena o projeto *O Jornaleiro*.

O projeto consistiria em tentar aplicar a mesma metodologia utilizada pelo *O Jornaleiro* na escola em questão, obedecendo suas limitações técnicas e operacionais, além de respeitar suas realidades, implantando um jornal escolar online.

4. Objetivos

4.1 Gerais

O objetivo central é propor que esse projeto entre nessa escola de Campo Limpo Paulista como um projeto transdisciplinar educacional, dando aos alunos a possibilidade de produzir conteúdo relevante ao seu cotidiano, disponibilizando a ele um outro olhar sobre a própria comunidade no qual está inserido e possibilitando o aparecimento “de pessoas com a capacidade de aprender continuamente de modo transformador”.⁷⁷

Além disso, dar ao aluno autonomia para poder falar sobre o que lhe é pertinente e ao professor, dar a possibilidade de usar o conteúdo produzido pelos jovens como ferramenta pedagógica.

Por fim, utilizando as linhas de ação, possibilitar o aparecimento de demais projetos educacionais no ambiente escolar, dando espaço para outras intervenções que dialoguem com a interface comunicação/educação.

⁷⁶ SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação*. São Paulo: Paulinas, 2011, p.55.

⁷⁷ *Ibid.*, p.52.

4.2 Específicos

Produzir, junto aos alunos, professores e demais membros da comunidade escolar, um veículo de comunicação que possa tratar do cotidiano da comunidade no qual a escola está inserida. Esse veículo de comunicação se dividiria em duas mídias, a online e a impressa.

Para a produção do jornal online, a escola deverá disponibilizar ao projeto o acesso a sala de computação com acesso à internet. Esse projeto pode possibilitar que esse ambiente, pouco usado por grande parte das escolas de Campo Limpo Paulista, passe a ser um espaço de aprendizagem e de apropriação do aluno como uma ferramenta eficaz de conhecimento.

Promover o uso consciente da internet para produção de conteúdo sério e pertinente ao universo do aluno. Através da produção do jornal, o aluno poderá entender o processo de divulgação e produção de notícias da grande rede, criando uma predisposição à crítica ao conteúdo difundido pela internet.

Fazer com que o jornal online dê espaço para os membros da comunidade escolar se manifestarem através de textos escritos ou produções audiovisuais, uma vez que um site possibilita o uso de várias linguagens.

Criar um site para esse jornal escolar online seja divulgado. Esse site poderá sair dos muros da escola e alcançar outras instituições de ensino e, conseqüentemente, outros alunos.

Para isso, concentrar uma equipe com os alunos interessados, apresentar as funções de um jornal online e dialogar com os participantes para a divisão de tarefas a serem executadas.

5. Metodologia

Para alcançar os objetivos propostos, o projeto terá que sofrer algumas alterações para atender as realidades da escola, como horário de reuniões, prazos e exigências.

Antes de mais nada, um mapeamento da escola deve ser feito para entender o perfil dos integrantes da comunidade escolar, identificando hábitos de leitura e escrita, além do envolvimento com assuntos relevantes à escola. Um outro tipo de levantamento importante a ser feito se dá a respeito da opinião dos membros da comunidade escolar sobre sua participação nas decisões e na construção do conhecimento, ou seja, identificar se a escola pratica ou não uma relação dialógica.

Após esse mapeamento, adequar a cada realidade a inserção do projeto com oficinas de leitura e escrita para os alunos, enquanto oficinas de uso de dispositivos midiáticos, como a própria internet dentro da escola, tal qual o seu funcionamento, destinados aos professores. Essas oficinas servirão como a preparação do terreno para se plantar a educomunicação.

As oficinas voltadas para os alunos terão o propósito de apresentar o funcionamento do jornalismo na sociedade e seu “modo de fazer”. Praticando com os jovens a escrita jornalística, os monitores possibilitarão o primeiro contato com o fazer jornalístico a esses estudantes. A monitoria dessas oficinas ficaria na incumbência de alunos de jornalismo pertencentes ao projeto *O Jornaleiro* na Faculdade de Campo Limpo Paulista, que estejam cursando a partir do sétimo semestre da graduação. Essas oficinas, ministradas semanalmente, garantirá ao universitário desconto na mensalidade da faculdade.

Já as oficinas destinadas aos professores serão ministradas por especialistas em educomunicação, chamados por Ismar de Oliveira Soares de

consultores.⁷⁸ Esses consultores, por meio de seus conhecimentos em educomunicação, prepararão o professor para o trato com as mídias dentro da sala de aula e sua utilização na trans e interdisciplinaridade. Em outras palavras, dará condições ao educador para trabalhar com os projetos educacionais. Além dos professores, os diretores e demais funcionários também receberiam essa consultoria para dialogarem com os projetos.

Uma terceira oficina se fará presente para preparar os membros da comunidade escolar para a preparação do jornal online. Tanto aluno, professor e demais membros, terão oficinas de criação de sites, manutenção do mesmo, uso da internet e estudos de crítica e recepção das notícias nela veiculadas. Essa oficina se faz importante para preparar os participantes para a produção efetiva do jornal online.

Após as oficinas, trabalhar na elaboração de todo o site: escolha do nome, direcionamento das matérias, identidade visual, periodicidade e divulgação. Essas reuniões serão mediadas por um educador e todos os membros da comunidade escolar interessados no projeto.

Como no *O Jornaleiro*, reuniões semanais - com datas e horários a definir pelos participantes - aconteceriam para as escolhas das pautas, porém o *deadline* seria maior, devido a falta de prática dos alunos com a construção de uma matéria. Esses alunos seriam acompanhados por um universitário monitor que cursa jornalismo e participa do projeto na faculdade.

Após a produção dos textos, eles passariam por uma revisão, esta seria feita pelos próprios alunos em conjunto com os professores, onde as dificuldades encontradas na construção textual serviriam para que discente e docente troquem experiências e não simplesmente passem pelo processo de corrigir e ser corrigido.

⁷⁸ Ver mais em: SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Paulinas, 2011, p.70.

Assim que os textos forem revisados, ele será divulgado no site do jornal online escolar. Esse site, por sua vez, poderá ser construído através da plataforma *Wix*, que utiliza de HTML5 e é, além de gratuito, fácil de usar.

Por fim, chega a hora de divulgar o trabalho executado. Essa divulgação, além de ser feita dentro da própria escola, poderá ser feita na própria internet, através das redes sociais. Essa divulgação poderá alcançar outras escolas e outros alunos, difundindo toda uma produção feita a cerca da realidade e das visões que os estudantes do Victor Geraldo Simonsen têm de si mesmos.

6. Conclusão

O que se propõe com esse projeto é modificar o preocupante quadro educacional que Campo Limpo Paulista vive, onde somente uma escola se aproxima da educomunicação.

Sabendo dos benefícios que as práticas educomunicativas provocam na sociedade, esse projeto pode ser um pequeno, porem significativo passo para se criar uma cultura educomunicativa no cenário escolar campolimpense.

Mais do que dar a escola uma nova perspectiva de ensino. Estamos falando em formar cidadãos com um outro olhar sobre a sociedade, aptos a compreenderem os processos de comunicação que permeiam nossos modos de viver, pensar e agir.

Ainda temos pela frente um longo caminho a percorrer, para que uma relação otimizada entre a comunicação e a educação se torne uma prática cotidiana nas escolas e demais espaços educativos, sendo necessário, para tanto, formular políticas específicas e destinar recursos, associando tais iniciativas a programas aprimorados de gestão, a fim de que projetos de inovação tenham tempo de florescer, adquirir consistência de produzir efeitos sociais

e educacionais benéficos e prolongados. Se o caminho é longo, o tempo se faz cada vez mais curto. Mãos à obra!⁷⁹

7. Referências

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação.** São Paulo: Paulinas, 2011

BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica. In CITELLI, A. O.; COSTA, M. C. C. (Orgs.) **Educomunicação: construindo uma nova área do conhecimento.** São Paulo: 2011.

CITELLI, Adilson. Educação e Mudanças: novos modelos de conhecer In. CITELLI, Adilson (org). **Outras linguagens na escola.** São Paulo: Cortez, 2000.

DINIZ, José Pérciles. O jornal impresso na formação de consciência crítica. **Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade.** Salvador: v. 13, n.21, p. 129-141, jan./jun., 2004.

MELO, José Marques de In LOPES, Dirceu Fernandes. **Jornal Laboratório: Do exercício escolar ao compromisso com o Público Leitor.** 2ª edição. São Paulo, Editora Summus, 1989.

MILAN, Yara Maria Martins. Comunicação e educação: um ponto de mutação no espaço de confluência. In SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: um campo de mediações.** In CITELLI, A. O.; COSTA, M. C. C. (Orgs.) **Educomunicação: construindo uma nova área do conhecimento.** São Paulo: 2011.

SCHADT, Felipe dos Santos. **O Jornaleiro: O Jornal-laboratório como possibilidade de projeto educacional nas escolas de Campo Limpo Paulista -SP.** IV Colóquio Catarinense de Educomunicação/III Colóquio Ibero-Americano de Educomunicação. Florianópolis-SC, 2014.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: um campo de mediações.** In CITELLI, A. O.; COSTA, M. C. C. (Orgs.) **Educomunicação: construindo uma nova área do conhecimento.** São Paulo: 2011.

⁷⁹ SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação.** São Paulo: Paulinas, 2011, p.94.

TOURRAINE, Alain. **Crítica da modernidade**. Lisboa: Piaget, 1992.

Autor



Felipe dos Santos Schadt é jornalista formado pela Faculdade Campo Limpo Paulista, com especialização em História, Sociedade e Cultura pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, professor de Técnicas em Rádio e TV no curso de comunicação social da Faculdade Campo Limpo Paulista, coordenador do projeto *O Jornaleiro* e aluno do curso de pós-graduação lato-sensu em Educomunicação pela Escola de Comunicação e artes da USP. Contato: felipeschadt@gmail.com.